

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – *CAMPUS* SOROCABA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

GIOVANNI BOLETTA LOPES

**AS VILAS OPERÁRIAS DA CHAVE E DA BARRA FUNDA: SIGNIFICADOS E
IMPORTÂNCIA PARA O MUNICÍPIO DE VOTORANTIM**

SOROCABA-SP

2022

GIOVANNI BOLETTA LOPES

**AS VILAS OPERÁRIAS DA CHAVE E DA BARRA FUNDA: SIGNIFICADOS E
IMPORTÂNCIA PARA O MUNICÍPIO DE VOTORANTIM**

Trabalho de conclusão de curso em Geografia da Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba, para a obtenção do título de licenciatura plena em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Neusa de Fátima Mariano

Sorocaba-SP

2022

Boletta Lopes, Giovanni

As vilas operárias da Chave e da Barra Funda:
significados e importância para o município de
Votorantim / Giovanni Boletta Lopes -- 2022.
63f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Neusa de Fátima Mariano

Banca Examinadora: Márcio Fernandes Gomes, Rosalina
Burgos

Bibliografia

1. Vilas operárias. 2. Votorantim. 3. Significados. I.
Boletta Lopes, Giovanni. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

GIOVANNI BOLETTA LOPES

**AS VILAS OPERÁRIAS DA CHAVE E DA BARRA FUNDA: SIGNIFICADOS E
IMPORTÂNCIA PARA O MUNICÍPIO DE VOTORANTIM**

Trabalho de conclusão de curso em Geografia da Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba, para a obtenção do título de licenciatura plena em Geografia. Sorocaba, ____ de _____ de 2022.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a Neusa de Fátima Mariano

UFSCar

Examinador:

Prof. Dr. Márcio Fernando Gomes

UFSCar

Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Rosalina Burgos

UFSCar

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, estiveram ao meu lado durante esses anos de estudo.

Agradeço também a UFSCar Sorocaba, universidade que me abriu as portas para um futuro que eu não esperava, além de todos os professores do curso. Em seguida, quero agradecer a minha orientadora, professora Neusa, pela paciência e disponibilidade para me orientar no processo de construção deste trabalho.

A geografia, para mim, sempre foi muito interessante, uma matéria que me chamava à atenção desde pequeno, graças ao incentivo de minha avó, Josephina Boletta Lopes (Vó Nena) e tia avó, Maria Inês Boletta (Tia Mele), que possuíam um atlas que eu passava horas olhando, analisava com um olhar surpreso os diferentes mapas de continentes, países e grandes capitais mundiais. Eram bons tempos esses de 2005, com 10 anos. Passei boa parte da minha infância lá, aos finais de semana na casa delas. Inclusive, elas moravam no bairro da Chave, um dos objetos de estudo do presente trabalho, que também foi a minha casa até os 3 anos, em 1998. Saudades.

Clélia, minha mãe, pessoa que eu mais amo nessa vida, extremamente importante e, se não fosse por ela, nada disso seria possível. Só ela pôde me entender naquela tarde em meados de maio de 2015, em que eu a contei que queria abandonar a minha graduação em engenharia de produção para seguir outros rumos. E, finalmente, estou aqui me formando, em Geografia, algo que me realiza de verdade. Espero que ela se sinta realizada também. Amo você, mamis.

Juliana e Natália, minhas irmãs. Também, sem o apoio delas, nada seria possível. A Ju é pedagoga. A Ná, advogada. A primeira é minha conselheira e sabe me ouvir como ninguém. A segunda é a minha defensora, sabe de tudo e resolve todos os meus “problemas”. Amo vocês, irmãs.

Cristina, minha italianinha, que hoje compartilho todos os meus dias junto a ela. A conheci na Argentina (graças ao intercâmbio que a UFSCar me proporcionou a oportunidade de realizar). Foram momentos incríveis que passamos por lá, depois no Brasil, país esse que ela ama mais do que a Itália. Mas passamos por um período difícil, por causa da distância, forçada pela pandemia que começou 2 meses depois do seu retorno à Itália. Foram 1 ano e 8 meses longe um do outro. Mas, com muita

esperança e ansiedade pelo momento do reencontro, em setembro de 2021 conseguimos nos ver, finalmente, no Brasil. Depois de 2 meses de muito arroz e feijão, pastel com caldo-de-cana, açaí e salada para equilibrar a alimentação nada saudável, estamos aqui, no país da bota. No momento em que escrevo esses agradecimentos, estou há 4 meses em terras italianas (país que meu tataravô Andrea deixou em 1891 para ir ao Brasil). Está sendo período de adaptação, um pouco complicado por conta do frio, que estou odiando (saudades do meu Brasil tropical). Mas, me sinto muito feliz, graças a Cristina, mas também por sua família, que me acolheu de maneira incrível. É claro que com a culinária italiana fica difícil de reclamar também, não é? Comunque, ti amo amore!

Seguindo com pessoas conhecidas na Argentina, quero agradecer ao companheirismo e amizade dos meus amigos Mani e Guille (brasileiros) e a Camila (mexicana). Eles fizeram toda a diferença na minha passagem por lá. Foi muito bom ter tido a oportunidade de conhece-los. Espero que um dia possamos nos reunir.

Aos meus amigos vitorantinentes Victor e Alyssa: morro de saudades. Era maravilhoso ficar com os dois no sofá conversando sobre... nada. Comendo um lanche vegano, rindo sem parar e ainda com fome. E depois eu dormia, claro. Eu sempre acabo dormindo, em qualquer lugar, em qualquer momento, de qualquer maneira. Me desculpem por isso. Mas enfim, ao Victor vai um agradecimento especial, pois ele é meu parceiro de “desistência”. “Vamos largar mão de tudo, Victor?” e então eu ouvia um “Bora!”. Mas que bom que não desistimos. Ele agora é um professor incrível de Biologia, não é à toa que é o favorito da sua turma. Ele é um ser humano incrível. Te amo, Vítinho.

Aos meus parceiros ufscarianos Amanda, Graciele e João Augusto (calma, está em ordem alfabética, não de preferência). Agradeço pela amizade e companheirismo que me ofereceram durante todo o curso. Vocês são demais! Sem eles eu iria perder todas as datas de entrega e, mesmo assim, fizemos tudo de última hora. Mas deu certo. Estaremos, em breve, todos formados. Valeu demais!

Para finalizar, agradeço também a mim mesmo. Que, apesar de momentos difíceis, prossegui, cheguei até aqui e valeu muito a pena.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o processo de formação urbana do município de Votorantim através da implementação de uma fábrica e, conseqüentemente, da formação das primeiras vilas operárias. Formação essa analisada através de um levantamento historiográfico, focando-se nas principais características das antigas vilas operárias da Barra Funda e da Chave, atuais bairros na região central de Votorantim, e como os seus diferentes significados moldaram os seus moradores no decorrer da primeira metade do século XX até a atualidade. O trabalho se debruça também em um trabalho de campo nos bairros, essencial para a análise dos elementos destes em um contexto atual, principalmente comparando-se com fotos antigas do acervo cultural do município, mas percebe-se que hoje não possui a mesma função do século passado, embora tenha o papel essencial de guardar a memória de Votorantim.

Palavras-chave: Votorantim; formação urbana; vilas operárias; história; significados.

RIASSUNTO

Il presente lavoro ha come oggetto di studio il processo di formazione urbana del comune di Votorantim attraverso l'implementazione di una fabbrica e, di conseguenza, la formazione delle prime città fabbriche. Questa formazione è stata analizzata attraverso un'indagine e ricerca storiografica, concentrandosi sulle caratteristiche principali delle antiche città fabbriche di Barra Funda e Chave, quartieri attuali nella zona centrale di Votorantim, e su come i loro diversi significati hanno plasmato i loro residenti durante la prima metà del secolo XX fino ad oggi. Il lavoro si concentra anche in una ricerca sul campo nella zona, essenziale per l'analisi degli elementi di quest'ultima in un contesto attuale, confrontandosi principalmente con vecchie foto dell'archivio culturale del comune, ma si percepisce che oggi non ha la stessa funzione dell'ultimo secolo, sebbene abbia lo scopo essenziale di conservare la memoria di Votorantim.

Parole chiave: Votorantim; formazione urbana; città fabbriche; storia; significati.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capela da Penha (1650).	16
Figura 2. Vista da Fazenda São Francisco Votorantim, comprada pelo Banco União de São Paulo, em 1890.....	19
Figura 3. Alojamento dos Trabalhadores em março de 1912.....	20
Figura 4. Funcionários da Fábrica de Tecidos de Votorantim.	22
Figura 5. Escritórios da Fábrica de Votorantim.	22
Figura 6. Vista geral da Fábrica de Votorantim. Década de 1920.....	23
Figura 7. Avenida cujo nome em homenagem a Lacerda Franco.	24
Figura 8. Sede do clube Savóia, no Bairro da Chave, em 1920.....	26
Figura 9. Residência de Santa Helena.....	27
Figura 10. Diretores da Fábrica Votorantim.....	29
Figura 11. Família Gianolla.	31
Figura 12. Vista parcial da Fábrica de Tecidos de Votorantim, ao lado, Vila Operária da Barra Funda.	33
Figura 13. Hospital Santo Antônio, construído pelas indústrias de Votorantim, inaugurado em 1949.	35
Figura 14. Lei N° 498, responsável por estabelecer prescrições para a construção de habitação operária.....	38
Figura 15. Vila Operária localizada em Votorantim, atual localização da Praça da Bandeira, no bairro da Chave (data desconhecida).	39
Figura 16. Manchete anunciando a construção da Fábrica Votorantim.	40
Figura 17. Votorantim inicia o movimento que a levaria a ser uma empresa com presença significativa no território brasileiro (1940).	42
Figura 18. Inauguração da Companhia de Cimento Portland Rio Branco, no Paraná, em 1954.	43
Figura 19. Fachada da Fábrica Votorantim (1918).....	48
Figura 20. Fábrica Santa Helena em 1936.....	51
Figura 21. Votorantim inaugura a Cia Mineira de Metais, a primeira indústria de zinco do Grupo em 1969.	53
Figura 22. Bairro da Chave. Resquícios da Vila Operária.....	54
Figura 23. Bairro da Chave – resquícios da Vila Operária.	55
Figura 24. Bairro da Chave – registro da rua Savóia.	56
Figura 25. Bairro da Chave, rua Ovídio Godinho, ampliada graças a demolição do pontilhão da linha ferroviária.	57
Figura 26. Bairro Barra Funda, rua Bernardino de Campos – Resquícios da Vila Operária, construção à esquerda pertence a fábrica Alpina Têxtil.	58
Figura 27. Bairro Barra Funda – nota-se maior conservação do bairro Barra Funda em relação ao bairro da Chave.	59
Figura 28. Panorama da fábrica no bairro Barra Funda.....	59
Figura 29. Bairro Barra Funda – Pode-se notar as calçadas estreitas e ruas largas.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE VOTORANTIM	15
1.1 Votorantim: A Fundação – de Vila a Distrito Sorocabano.....	15
1.2 O Papel do Banco União e do Grupo Votorantim.....	18
1.3 A Contribuição dos Imigrantes na Formação de Votorantim	24
1.4 Votorantim e os Alicerces Empresariais	28
1.5 Votorantim Emancipada	30
2. VILAS OPERÁRIAS DE VOTORANTIM: CARACTERÍSTICAS, HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO	37
3. INFLUÊNCIAS DA INDÚSTRIA EM VOTORANTIM E SEUS DIFERENTES SIGNIFICADOS AO LONGO DO TEMPO	47
4. OS BAIROS DA CHAVE E DA BARRA FUNDA ATUALMENTE	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

INTRODUÇÃO

Votorantim se encontra no interior do estado de São Paulo, a 112 quilômetros da capital, ocupa cerca de 183,998 km², e faz parte da região metropolitana de Sorocaba. O município tem um número expressivo de habitantes, abrigando uma população estimada em 124.468 munícipes segundo divulgado pelo IBGE (2021), sendo assim a 4^o cidade mais populosa da região metropolitana da qual faz parte. A Lei Estadual nº 8 092, de 28 de fevereiro de 1964, concedeu ao então distrito sua emancipação de Sorocaba, sendo assim, Votorantim se elevou a condição de município.

Mapa 1. Localização regional do município de Votorantim.



Fonte: Silva (2016, p. 10).

O objetivo da pesquisa em questão foi de buscar o significado bem como a importância que as vilas operárias tiveram para que Votorantim fosse de vila a distrito e posteriormente se emancipasse de Sorocaba, adquirindo o título de município.

A pesquisa foi norteada em uma metodologia qualitativa e, a partir de um levantamento historiográfico e bibliográfico, buscar analisar os diferentes significados das Vilas Operárias situadas no Bairro Barra Funda bem como no Bairro da Chave, ambos localizados no que hoje é reconhecido como município de Votorantim/SP. Inicialmente, dividida em três etapas: a primeira, de pesquisa bibliográfica e leitura para auxiliar no entendimento da justificativa da pesquisa, ou seja, compreender como deu-se a formação, a importância e os diferentes significados das vilas operárias da Chave e da Barra Funda, no final do século XIX até os dias de hoje. A segunda, de trabalho de campo, ou seja, realizar visitas aos bairros, observar sua dinâmica e funcionamento na atualidade, suas principais características, o cotidiano dos moradores, aspectos sociais e econômicos presentes nos dois bairros, relacionando com aspectos adquiridos durante a leitura da bibliografia, semelhanças e diferenças. A terceira, a coleta de dados e organização das fotos realizadas em campo (presentes no capítulo 3 deste trabalho).

Além disso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica na biblioteca municipal de Votorantim e em sites curados pela Secretaria de Cultura de Votorantim, a fim de buscar e analisar documentos históricos, livros, periódicos, jornais, que possam conter algum tipo de informação relacionada à pesquisa.

Notou-se ao longo do levantamento bibliográfico que a formação urbana de Votorantim se deu início com a implementação das indústrias. A partir daí, a mesma atraiu trabalhadores para seus respectivos cargos, esses precisaram residir perto das fábricas, dando origem as vilas operárias e a todos os serviços necessários para que o cotidiano pudesse fluir, assim gerando vida agitada, com características urbanas onde até então possuía um dia a dia pacato na conhecida Fazendinha. Foram consultados diversos livros sobre a história de Votorantim na biblioteca municipal votorantinense. Além disso, obteve-se acesso ao acervo cultural da Secretaria de Cultura de Votorantim, que conta com um rico acervo de fotos históricas que representam todos os períodos do município.

Pode-se dizer que as primeiras ruas de Votorantim foram oriundas das vilas operárias. Dado isso, podemos refletir que o que antes deu o ponta pé para o início da cidade. Através de experiências pessoais e trabalho de campos realizados nos bairros, notou-se que, atualmente, são simples e não possuem mais o significado de outrora.

Nesse sentido, como fundamentação teórica, podemos citar Milton Santos pelo que se entende de meio técnico-científico-informacional. Em função disso, os bairros operários tornaram-se obsoletos. Bairros que outrora foram símbolos do desenvolvimento e da modernidade, que visavam moradias higiênicas e de fácil controle da vida cotidiana dos operários. As fábricas se acabaram, os bairros perderam sua função primordial e se tornaram bairros com relações de bairros (próximas) num dado momento, mas sem o vínculo empregatício, sem a "cobertura" do patrão e, mais atualmente, tornou-se um espaço ocupado também para atividades ilícitas. As pessoas precisam se proteger e as relações tenderam a uma fragmentação. A coesão era dada primeiramente pela fábrica e relações sociais próximas, de classe operária; depois pelas relações próximas da vida de bairro e finalmente a fragmentação dessas relações com a violência, com o preço alto na manutenção da moradia, proporcionando uma rotatividade de moradores sem identidade com o local. Portanto, o significado desses bairros ficou na memória, com alguns resquícios de relações próximas e sentimentos de localidade, mas numa tendência à fragmentação cada vez maior.

O presente trabalho está estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, "História da Formação e Desenvolvimento de Votorantim", será abordada a história do município, desde sua fundação como vila a distrito, o papel do Banco União e da indústria, a contribuição dos imigrantes e a emancipação de Sorocaba na década de 60.

No segundo capítulo, "Vilas Operárias de Votorantim: características, história e desenvolvimento", serão abordadas as principais características das vilas operárias, de um modo geral, comparando com as vilas operárias votorantinenses, destacando a sua importância para a formação de Votorantim como um distrito.

No terceiro capítulo, "Influências da indústria em Votorantim e seus diferentes significados ao longo do tempo", será abordada a influência industrial para a formação

e desenvolvimento do município, bem como os diferentes significados percebidos ao longo da história vitorantinense.

Para finalizar, no quarto capítulo, denominado “Os bairros da Chave e da Barra Funda atualmente”, serão destacadas as principais características e aspectos observados em trabalho de campo nas antigas vilas operárias e hoje bairros da Chave e da Barra Funda, contendo diversas fotos das principais ruas dos dois bairros.

1. HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE VOTORANTIM

O capítulo em questão tem como objetivo fazer um levantamento historiográfico do município de Votorantim, buscando destacar os principais pontos que marcaram a trajetória de um simples distrito a uma importante cidade industrial.

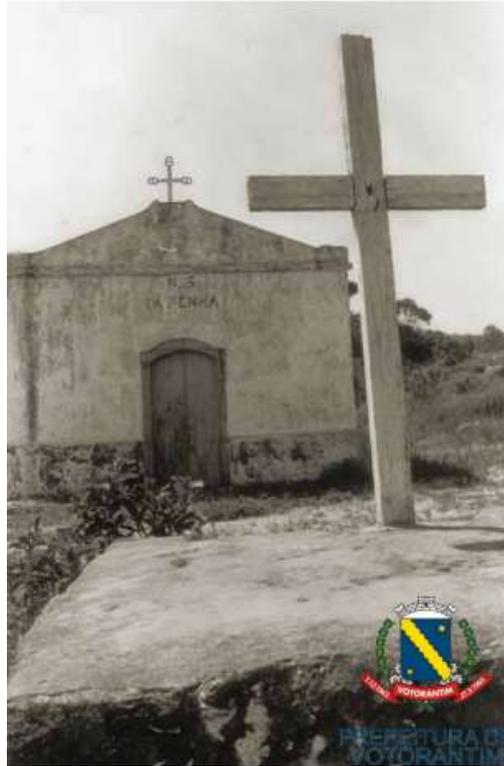
1.1 VOTORANTIM: A FUNDAÇÃO – DE VILA A DISTRITO SOROCABANO

O presente trabalho iniciará a história do ponto da chegada dos bandeirantes a região. O historiador Aluísio de Almeida ressalta, em suas obras, a trajetória dos mesmos pelo país, por vezes, referindo-se a eles como símbolo de coragem e força. Como podemos conferir:

Ele bem conhecia de fama as dificuldades da subida da serra do Mar. Chegou a São Paulo de canoa, de rede, a pé nos piores pedaços, e, se não era obeso, a cavalo, já no campo. [...] Dom Francisco de Souza plantou o pelourinho, sinal de vida independente, do primeiro povoado sorocabano. (ALMEIDA, 2002, p. 17-18)

Almeida (2002), aborda os bandeirantes como elementos de suma importância para o desbravamento e a fundação do território. O autor também referencia os ciclos econômicos “mas a riqueza maior de Sorocaba era o comércio” (ALMEIDA, 1969). O autor também referencia a construção da primeira capela erguida em solo sorocabano por Baltazar Fernandes, em 1667, e a segunda capela, denominada Nossa Senhora da Conceição, obra ligada ao patrimônio do bandeirante Braz Tevês, construída no ano de 1747. Além da capela da Penha, reformada em 1724 por Timóteo de Oliveira, essa ainda se faz presente nos dias de hoje nos domínios da Serra de São Francisco.

Figura 1. Capela da Penha (1650).



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Oliveira (2008), também atribui em sua obra uma grande relevância histórica aos bandeirantes:

[...] foram os tupis-guaranis que ocuparam, antes do descobrimento, a localidade próxima a Araçoiaba e à Serra de São de Francisco, às margens do rio que hoje se denomina Sorocaba. Porém, em 1589, chegaram, procurando ouro, os portugueses Afonso Sardinha e seu filho Clemente Álvares, técnico em minas. Em Araçoiaba, encontram o minério de ferro que, mais tarde, deu origem às Forjas de Ipanema, depois Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema. (OLIVEIRA, 2008, p. 15-16)

Assim, ambos autores concordam que os bandeirantes são considerados fundadores de tal região, os mesmos também são reconhecidos como responsáveis pela delimitação de fronteiras, bem como pelo desenvolvimento econômico local, desse modo, configurando uma importante participação histórica. As margens do curso hídrico que hoje conhecemos por Rio Sorocaba, foi o local escolhido por Braz Tevês para se fixar. Já Pascoal Moreira Cabral se instalou na Serra de São Francisco.

Baltazar Fernandes, por sua vez, escolheu as proximidades do Morro de Araçoiaba, onde fundou uma capela, batizada de Nossa Senhora da Ponte, atualmente conhecida como igreja São Bento, concretizando a fundação do povoamento do citado bandeirantes, que recebeu o nome de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba. (MARTINS, 2000)

Posteriormente, Sorocaba se tornou uma vila, a Vila de Nossa Senhora da Ponte, e apenas em 1842 a mesma ganhou o título de cidade. Martins (2000), relata em sua obra uma breve importância do município em questão:

Sorocaba, fundada por bandeirantes, foi o local de onde partiram inúmeras bandeiras que, em busca de ouro e de índios para o trabalho escravo, foram desbravando e incorporando, ao território colonial, vastas extensões de terras e riqueza incalculável. Paschoal Moreira Cabral, juntamente com outros sorocabanos, desbravou o sul do país, avançando, depois, para o sul do Mato Grosso. Montou, em Campos de Vacaria, um entreposto para comerciar com os espanhóis, daí se originando expedições para a selva amazônica. Em 1715, o filho deste Paschoal Moreira Cabral, que levava o mesmo nome do pai e havia nascido na Fazenda São Francisco, que hoje faz parte do território de Votorantim, rumou para o Mato Grosso, encabeçando uma grande bandeira e fez a descoberta de rica jazida de ouro em Caxipó. Essa descoberta deu origem a um povoamento que viria a ser a cidade de Cuiabá, hoje capital daquele Estado. Assim, em 1719, aquela cidade foi fundada por um "votorantinense". (...) maior importância reside no fato de terem expandido o território ocupado pelos portugueses além daquele limite estipulado pelo Tratado de Tordesilhas. Firmado entre Portugal e Espanha em 1494 (antes, portanto, do descobrimento oficial) o Tratado estabelecia um meridiano como linha demarcatória das terras que pertenceriam a cada um daqueles países, no caso de virem a ser descobertas. Se obedecido aquele Tratado, o Brasil hoje teria somente uma quarta parte de sua extensão territorial, uma nesga de terra, apenas, que se estenderia, aproximadamente, do Estado do Pará (cortando a ilha do Marajó) até pouco abaixo de Laguna, no Estado de Santa Catarina. Os bandeirantes, sorocabanos e até votorantinenses, intencionalmente ou não, fizeram letra morta daquele tratado e nos legaram um país de dimensão continental. A última bandeira de que se tem notícia ocorreu por volta de 1728. (MARTINS, 2000, p. 20-22)

Posteriormente, em consequência das feiras de muares, a população sorocabana-votorantinense experimentou um expressivo aumento, assim, resultando na diversificação das atividades comerciais bem como as indústrias caseiras, levando ao crescimento da mão de obra especializada, elemento que serviu como estímulo para os surgimentos das primeiras tentativas de instalações fabris. Porém, na segunda metade do século XIX, o tropeirismo deu início ao processo de extinção, uma vez que as primeiras linhas férreas já estavam instaladas e funcionando. Já em 1875

“resultando do esforço conjunto de Luís Matheus Mailasky e de líderes sorocabanos, inaugurou-se a Estrada de Ferro Sorocabana, que seria de essencial utilidade para a região.” (OLIVEIRA, 2008).

Voltando ao contexto do então distrito de Votorantim, esse foi fundado em 1654, também por bandeirantes. Braz Tevês e Paschoal Moreira Cabral se instalaram no Itapeva, a fazenda recebeu o nome de São Francisco, ambos foram os primeiros moradores do local. Posteriormente, os mesmos iniciaram o cultivo da cana de açúcar e conseqüentemente passaram a usar moedas. Por volta de 1750, Manoel Fabiano de Madureira adquiriu as terras em questão, mas seu descendente Balduino Moreira de Almeida as vendeu para o Banco União de São Paulo no ano de 1890. Para Santos Jr. (2004):

Sorocaba foi fundada em 1654, pelo capitão Baltazar Fernandes, vindo de Santana do Parnaíba com a família, poderíamos também dizer, que Votorantim fazia parte da” terra rasgada”, e o bandeirante pode ser considerado nosso fundador. (SANTOS JR., 2004, p. 26).

Nota-se que para os autores aqui citados, a concepção de fundação é semelhante, assim como alguns outros elementos que notamos ao longo das obras, como por exemplo a Igreja, que aparece com o papel de reunir tais agentes, o que posteriormente será assumido pelo Banco União bem como pelo Grupo Votorantim.

1.2 O PAPEL DO BANCO UNIÃO E DO GRUPO VOTORANTIM

As terras que até então eram propriedades da Igreja, passaram a ser adquiridas pelo Banco União e Grupo Votorantim. A primeira capela construída em 1679, por Paschoal Moreira Cabral, passou a ser aquisição do Banco União. “A capela, porém, oficialmente, era de N. S. do Pópulo até começos deste século, quando a Cúria de São Paulo a vendeu, com o grande terreno anexo, ao Banco União de São Paulo”. (ALMEIDA, 2000, p. 29-31)

Oliveira (2008), evidencia que a imagem foi colocada na capela durante o século XIX, pela família Madureira, que desde a década de 1750, era responsável por

grandes engenhos de açúcar na região, e posteriormente em 1790 deu início a exploração de cal. Por volta de 1873, Porfírio José Machado se beneficiou do cultivo do algodão, onde fazia uso da máquina movida através da água que vinha da Cachoeira Votorantim. Assim, já no século XIX, o local onde viria ser futuramente a cidade de Votorantim, já contava com pequenas indústrias de transformação.

A inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana, em 1875, facilitou o escoamento da produção e o enorme potencial hidrelétrico da Itupararanga, aliado à extensa produtividade do algodão herbáceo na região e a existência de jazidas para a exploração de calcário e mármore foram os elementos que contribuíram para o estabelecimento de indústrias na região. (OLIVEIRA, 2008, p. 34)

Figura 2. Vista da Fazenda São Francisco Votorantim, comprada pelo Banco União de São Paulo, em 1890.



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Conforme Martins (2000), em 1890 o então presidente do Banco União de São Paulo, senador Lacerda Franco, soube através de seus assessores sobre as

condições extremamente favoráveis que tal região oferecia para a instalação bem como o desenvolvimento de estabelecimentos industriais, assim tomando providências e adquirindo rapidamente as terras. Como podemos ver no trecho de Gaspar (1953 apud Martins, 2000, p. 37):

Sítio denominado Cachoeira de Votorantim, que abrangia os dois lados das quedas de Votorantim. Adquirido em 07.07.1890, de Porfírio Machado e sua mulher Maria Péssia Moreira Machado, pela importância de cento e dez contos de réis. (Rs 110:000 \$ 000). Sítio denominado Salto Grande do Itaporanga, no bairro de Itapeva, que principia em baixo da Serra de São Francisco. Adquirido em 07.11.1890, de Balduino Moreira de Almeida e sua mulher Francisca Filomena de Madureira, pela importância de oitenta contos de réis (Rs 80:000\$000). Sítio denominado Fazenda Itapeva, adquirido em 17.01.1891, de Ovídio Laurentino do Amaral e de sua mulher Sophia Rosa do Amaral, pela importância de oitenta contos de réis (Rs 80:000\$000). As casas de número 35 e 37 da Rua da Ponte, adquiridas em 08.12.1890, de Antônio Wanderico e sua mulher Maria das Dores Wanderico, e a casa número 39 da mesma rua, adquirida na mesma data, de Jeremias Wanderico, pelo valor total de sete contos e quinhentos mil réis (7:500\$000).

Figura 3. Alojamento dos Trabalhadores em março de 1912.



Alojamento dos Trabalhadores
Março de 1912.

Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Para Martins (2000), as modificações ocorridas oriundas das aquisições de terras pelos respectivos donos foram revolucionárias:

Estas aquisições marcaram um divisor de águas na história daquele pacato recanto, que era conhecido apenas como a Fazendinha, onde o que não era coberto por muita vegetação nativa era um grande brejo. A vida, que transcorria devagar e sem grandes nem bruscas mudanças, tomou um ritmo frenético. Vieram os homens de fora, de países distantes. Eles abriram picadas no mato, aterraram o brejo e passaram a construir represas, usina hidrelétrica, fábricas, estradas de ferro, vila operária. Foi de tal magnitude o investimento que fez o Banco União na Fazendinha e o impulso que lhe deu no sentido de se tornar um pólo industrial que o historiador Aluísio de Almeida, sem desmerecer Porfírio Machado, mas louvando-lhe a capacidade de prever o quanto de bom resultaria da venda de suas terras ao Banco, não teme afirmar sobre essa compra: Essa é a efeméride que dá início à história do distrito e povoado atual do Votorantim. (MARTINS, 2000, p. 37)

A partir da seguinte frase, compreende-se que o investimento do Banco União foi de extrema importância: “[...] não devemos esquecer os fundadores da Vila Industrial de Votorantim, os quais foram os dirigentes do extinto Banco União.” (GASPAR, 1980, s/p). O projeto era muito bem estruturado, a construção foi embasada por materiais de qualidade, como cimento inglês e telhas francesas, além da construção de casas para os operários, usina hidrelétrica bem como estrada de ferro. Os técnicos responsáveis eram ingleses, tal escolha não foi aleatória, uma vez que esses eram conhecidos por serem experientes no processo industrial.

Martins (2000), cita em sua obra a visão que Wright teve da fábrica de Votorantim, a partir do contexto em que a região se encontrava no ano de 1913:

[...] uma das maiores empresas do Brasil e da América do Sul, possuindo maquinaria a mais completa em seu gênero, mantida em perfeito estado de conservação, num ambiente de extrema limpeza e ordem, que é uma característica da empresa. Em 1904 foram adquiridas na Inglaterra máquinas e instalações dos tipos mais modernos, assim como também vieram para Votorantim, para montá-las, profissionais competentes. Foi por essa época construído um edifício de tijolos onde foi instalado o maquinismo. A força foi obtida captando-se várias quedas d’água e trazendo a água em tubos de ferro de grande capacidade para mover turbinas instaladas na fábrica. São 1.300 os seus teares, número que não pára de crescer, em que são produzidos artigos em algodão, desde tapetes até as mais finas chitas e grande número de tecidos para vestimentas em variados padrões. (MARTINS, 2000, p. 38-39)

Figura 4. Funcionários da Fábrica de Tecidos de Votorantim.



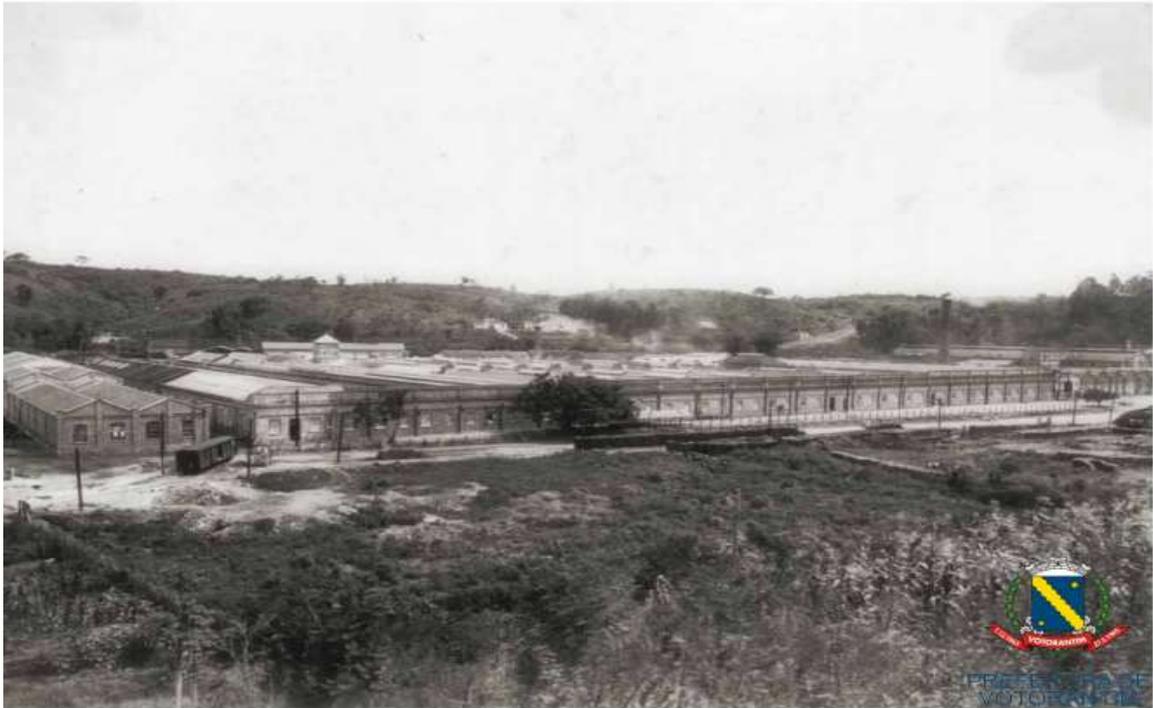
Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Figura 5. Escritórios da Fábrica de Votorantim.



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Figura 6. Vista geral da Fábrica de Votorantim. Década de 1920.



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Por fim, vários fatores convergiram para que o Banco União desse início a sua decadência: a perda de sua condição de banco emissor em consequência do incêndio ocorrido em 1917, responsável pela destruição de todo algodão guardado na fábrica; a inflação somada à escassez de gêneros alimentícios, ambos resultantes da Guerra, a greve de 1917, entre outros fatores que levaram à sua falência em 1918. (OLIVEIRA, 2008)

Assim, posteriormente ao ocorrido, Pereira Ignácio em parceria com Nicolau Scarpa, adquiriram através de um leilão as terras em questão. Com o passar dos anos Scarpa acabou tornando-se dono único das propriedades, investindo na criação da Fábrica de Cimentos Votoran. (OLIVEIRA, 2008)

Santos Jr. (2004), ressalta que o início do desenvolvimento bem como do crescimento local, se deu a partir do momento em que a região passou a receber investimentos do Banco União, esse trouxe para o local uma nova configuração tanto espacial como social:

Os fundadores da Vila Industrial de Votorantim foram os dirigentes do extinto Banco União de São Paulo, comandados pelo Senador Lacerda Franco, seu presidente, que em 1890, informado pelos seus assessores de que a região oferecia condições, efetivou a instalação de uma indústria. (SANTOS Jr., 2004, p. 28)

Figura 7. Avenida cujo nome em homenagem Lacerda Franco.



Avenida Lacerda Franco

Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

À esquerda, bardo Arcuri, porta da agência dos correios e ao fundo, a portaria da Industria Votorantim S.A (década de 50)

1.3 A CONTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES NA FORMAÇÃO DE VOTORANTIM

Segundo Oliveira (2008), o imigrante é visto como elemento extremamente relevante para a história de Votorantim. No texto a seguir, pode-se constatar essa importância, bem como um símbolo de coragem e força:

A Força do Imigrante

Não nos referimos à força física, com certeza. Embora a imigração estivesse sendo estimulada para substituir a mão-de-obra escrava, liberada do eito pela

Abolição, em 1888, a força física estava começando a ser substituída pela energia elétrica e pela máquina, e deixava, aos poucos, de ser a principal fonte de produção de riqueza. Referimo-nos a outro tipo de força. Aquela força que faz com que um homem, só ou com sua família, se lance numa aventura incerta, deixando para trás seus familiares, seus amigos, sua pátria. A força do imigrante estava, sim, em sua capacidade de suportar o sofrimento e as privações, de tudo sacrificar, às vezes a própria saúde e a vida, para atingir um sonho. Para conseguir seu objetivo, o imigrante teve de se adaptar ou de lutar contra os fatores naturais adversos e contra fatores sociais que lhe impunham muitos deveres, mas lhe negavam os direitos. Sem se deixar abater, ele enfrentou a natureza e lutou por uma lei mais justa de modo a garantir, para si e para os seus descendentes, uma vida mais saudável e digna. Muitos imigrantes italianos, cerca de trezentos, foram desviados das zonas cafeeiras, juntamente com cerca de duzentos caboclos, para virem tocar as inúmeras obras que comporiam o complexo da Fábrica de Chitas, criado pelo Banco União. Sua presença não resultaria só em prédios e máquinas. Sua influência moldaria um novo tipo de homem e de sociedade em Votorantim. (MARTINS, 2000, p. 61)

Posteriormente, segundo Martins (2000), em meados 1885, houve um alto fluxo de imigrantes na região, muitos deles carregando sobrenomes de origem italiana: Beline, Bombani, Ferrarese, Bernardi, Galli, dentre muitas outras famílias. Porém, embora fossem a maioria, o autor afirma que nem só os italianos foram responsáveis pela formação de Votorantim, uma vez que posteriormente chegaram em peso os espanhóis, trazendo os sobrenomes Rodrigues, Martinez, Sagovia, entre outros que se fixaram na região do rio acima, atual Cortume. (MARTINS, 2000). No fragmento abaixo podemos conferir a importância que o autor concede aos imigrantes que procuraram o Brasil, mais especificamente a região de Votorantim para estabelecer suas vidas.

De todos estes que aqui se juntaram para construir um lar e uma comunidade, poucos têm grandes feitos a serem registrados. A grandeza de suas vidas está nos pequenos gestos, repetidos e consistentes, de generosidade, de humildade, de compaixão, de justo orgulho, de tenacidade e determinação, e de amor pela comunidade e pelas pessoas. Dessa atitude em relação aos seus semelhantes, forjou-se uma comunidade sem preconceitos em que predominavam valores voltados para tudo que favoreça o desenvolvimento pessoal e o respeito à dignidade do ser humano. Estes princípios, embora não estivessem escritos ou codificados, nortearam aqueles que estivessem à frente da construção desta cidade. Desde o Banco União, que se preocupou em dar aos operários condições humanas de vida, passando por Pereira Inácio, que tinha uma quase obsessão pela educação (estaria tentando tornar mais acessível para os outros aquilo que, autodidata que era, conseguira com tanto sacrifício?) e continuando com os Ermírio de Moraes, que souberam valorizar o aspecto social dentro de seus empreendimentos, Votorantim foi privilegiada, tendo sido, seu povo operoso, alvo de cuidados e de benefícios. (MARTINS, 2000, p. 79)

O referido autor aponta que um grande número de imigrantes ajudou a compor a história de Votorantim, alguns se destacando por serem ligados de forma direta ou indireta ao Grupo Votorantim, como Fernando Arcuri, que atuou como barbeiro, além de participar do Esport Club Savóia em diferentes cargos (jogador, técnico, juiz e diretor esportivo), concedidos a ele por Pereira Ignácio. Arcuri também foi responsável por montar uma pensão que tinha como objetivo abrigar os técnicos que chegavam para trabalhar nas fábricas ali presentes. (OLIVEIRA, 2008)

Figura 8. Sede do clube Savóia, no Bairro da Chave, em 1920.



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Figura 9. Residência de Santa Helena.



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Em sua obra, Martins (2000) destaca outro imigrante considerado relevante e influente para a história de Votorantim, além de pessoas ligadas diretamente ao grupo Votorantim. A seguir, um trecho do autor mencionando Domingos Metidieri (nome abrasileirado para Domenico Paolo Metidieri, que inclusive atualmente dá nome ao estádio municipal de Votorantim):

DOMINGOS METIDIERI

Metidieri, a rigor, Domenico Paolo Metidieri, conforme registro, com nove anos de idade e junto com mais três irmãos, chegou ao Brasil em junho de 1909, trazido da Calábria por sua mãe. Inicialmente, foi para Minas Gerais, para trabalhar na lavoura. Alguns anos depois, vindo para Votorantim, começou a trabalhar como empreiteiro em terras de José Ermírio de Moraes e de Paulo Pereira Inácio, plantando eucalipto para servir como combustível para as caldeiras da Indústria Votorantim. Sua boa visão de negócios levou-o a comprar terrenos. Nos terrenos maiores, fazia loteamentos que vendia. Em 1948, onde hoje é a Vila Dominginhos, instalou a Indústria Têxtil Metidieri. Começou fabricando “Linho 200” e depois passou a produzir tergal. Não entrou em concorrência com a Votorantim, já que esta só trabalhava com derivados de algodão. Na realidade, havia amizade entre os proprietários e até colaboração entre as duas indústrias, como no tingimento de tecidos pela Votorantim. A fábrica chegou a ter 1.200 empregados e uma produção significativa de 800.000m por mês. Foi vendida em 1979. (Depoimento de seus filhos d. Neuza Metidieri e Jaime Metidieri). São estas

algumas das mais antigas personalidades e famílias de imigrantes italianos que, não somente como operários da fábrica, mas exercendo seus ofícios e profissões, contribuíram para que Votorantim se constituísse como um lugar em que alguém podia se estabelecer e viver condignamente, dentro das necessidades e dos confortos da época. (MARTINS, 2000, p. 72-73)

Pode-se notar que Martins (2000), ressalta o cotidiano dos operários que se caracteriza pelo senso de comunidade, simplicidade e desejo de melhores condições de vida, assim gerando uma identidade entre os mesmos, ocultando certas diferenças culturais em prol de uma convivência harmoniosa. Assim, conclui-se através dos levantamentos bibliográficos que os imigrantes tiveram uma contribuição expressiva para a expansão bem como para o desenvolvimento de Votorantim, fazendo com que um simples distrito atingisse a condição de se emancipar. (OLIVEIRA 2008)

1.4 VOTORANTIM E OS ALICERCES EMPRESARIAIS

Conforme Almeida (2002), a história do distrito bem como do povoado de Votorantim se deu a partir das aquisições de terras pelo Banco União e se consolidou após a falência do mesmo, sendo adquirido por Pereira Ignácio. Martins (2000), em concordância, ressalta que Pereira Ignácio possuía um olhar visionário, e o mesmo impulsionou a industrialização no local, em parceria com seu genro, que viria a ser o senador José Ermírio de Moraes, este também sendo uma grande fonte histórica para o local.

Figura 10. Diretores da Fábrica Votorantim.



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

O pernambucano José Ermírio de Moraes, foi educado por sua mãe, a qual assumiu os engenhos da família. Moraes se formou em engenheiro nos Estados Unidos. Posteriormente, ao retornar para o país de origem, trabalhou nos estados de Pernambuco e também em Minas Gerais. Em uma de suas viagens ao exterior, conheceu Helena, herdeira do comendador Pereira Ignácio, com quem se casou, fato que o levou a assumir a direção da Votorantim S/A. (OLIVEIRA, 2008)

José Ermírio de Moraes participou da criação do CIESP (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo), que daria origem à FIESP. Senador, em 1963 foi nomeado Ministro da Agricultura no governo João Goulart e, posteriormente, deixou o Ministério e assumiu o cargo de senador. (OLIVEIRA, 2008, p. 32)

Santos Jr. (2004), compactua da ideia do título de fundador e provedor local ser de Pereira Ignácio. O português é apontado pelo autor como pioneiro e fundador do Grupo Votorantim.

A escolha da Sociedade Anônima Indústrias Votorantim para fazer parte de meu livro recaiu no mérito que pelo núcleo de produção que é o maior do Estado de São Paulo, do Brasil e da América do Sul. Existe ainda o seguinte motivo que, certamente, me facilitaria o estudo dos grandes aspectos de Votorantim: o comendador Pereira Ignácio, que é seu chefe e principal orientador, foi, há mais de trinta anos, meu companheiro de viagens para os Estados Unidos, no vapor Tenyson. Os dias que passamos a bordo daquele paquete me permitiram observar o homem, cheio de energia e esperanças, que é o grande industrial de hoje. (SANTOS Jr., 2004, p. 41)

Nota-se que os autores aqui referenciados, atribuem uma grande importância aos imigrantes tidos como empresariais, indicando que Votorantim traz em seus alicerces o cotidiano da fábrica, bem como aquilo gerado pela mesma, como o enriquecimento, não apenas econômico, mas também cultural. Esse destaque encontra-se desde que Votorantim era uma vila, passando por distrito, até chegar no seu auge: a emancipação.

1.5 VOTORANTIM EMANCIPADA

Para Martins (2000), os movimentos em prol da emancipação começaram a se tornar fortes nos anos finais da década de 1950. No ano de 1960 os mesmos começam a ganhar ares de reivindicação comunitária.

Devido à compreensão do crescimento populacional e industrial, cuja arrecadação de impostos não satisfazia às suas necessidades, aliada ao desagrado em relação a um projeto de lei que instituía sobretaxa para o cimento – o que despertou a insatisfação em relação à espoliação – cresceu a campanha pelo plebiscito, que levaria à emancipação da cidade. No entanto, como Votorantim era fonte importante de receita, devido à sua enorme produção industrial, não era interessante, para Sorocaba este desmembramento, em decorrência do que, houve a luta política entre duas facções: a que defendia o desmembramento e a que lhe era contrária. (OLIVEIRA, 2008, p. 36)

Os empresários locais queriam a emancipação do então distrito, e contavam com o apoio de José Ermírio Moraes Filho. Conforme Campos (2000 apud Martins, 2000, p. 183):

Até o início dos anos 60, apesar de possuir inúmeras indústrias e ser poderosa economicamente, dando emprego a quase toda a sua população e para um grande número de sorocabanos, Votorantim não passava de um simples distrito esquecido da administração política de Sorocaba. Toda a assistência necessária à comunidade vinha das fábricas do Grupo Votorantim. Os impostos pagos para a Manchester Paulista eram fabulosos, mas sem retorno. Foi então que nasceu a idéia da emancipação política e econômica. A fábrica distribuía cortes de tecidos estampados com os motivos do desmembramento e com eles as pessoas faziam vestidos, saias, lenços, toalhas de mesa, lençóis, cortinas, camisas, etc. As ruas cobertas de faixas e cartazes, as pessoas vestidas com roupas alusivas ao acontecimento, aglomeradas em passeatas, comícios, reuniões e festividades, davam o tom colorido da campanha, que ganhava força e culminou com a vitória do SIM. No meio da multidão eufórica, o gerente da fábrica de tecidos, senhor Gianolla, subiu na parte mais alta do escritório da fábrica. Lá ele hasteou a bandeira, que era um dos cartazes da campanha, que tremulava no alto, admirada pela multidão que cantava, dançava e soltava fogos de artifício. Votorantim tornara-se independente política e economicamente. Passado algum tempo, despertava para a realidade aquilo que fora feito no papel. Aqui está Votorantim, a cidade prosperando, seguindo para o futuro.

Figura 11. Família Gianolla.



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

As tais facções eram extremamente rivais, a ponto de ocorrerem agressões vindas de ambos comícios. As organizações contavam com clubes, como por exemplo o Clube do Vanguardeiro, que se utilizava de carteirinhas de identificação em prol da emancipação. O movimento gerado e espalhado pelo referido clube ganhou forças

com a população e foi de suma importância para a vitória do então desmembramento. No plebiscito realizado em 01 de dezembro do ano de 1963, compareceram 4181 eleitores, que contabilizavam 3099 votos favoráveis e 1003 contrários a emancipação. (OLIVEIRA, 2008)

Em 1964, ocorre a aprovação do Decreto Estadual pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, concedendo a autonomia tanto econômica como política de Votorantim, onde provisoriamente foi nomeado como subprefeito Pedro Augusto Rangel, até então presidente da Câmara Municipal de Sorocaba. Vale lembrar que Rangel também foi eleito posteriormente, em 1965, após a aprovação do desmembramento pelo Tribunal Eleitoral. (OLIVEIRA, 2008).

O sentido comunitário do povo votorantinense foi posto à prova e, mais uma vez, ele mostrou que o seu comprometimento com a emancipação não se restringiria a pôr um voto na urna, mas envolvia arregaçar as mangas para ajudar a resolver as situações difíceis, por mais que isto representasse sacrifícios pessoais. Muitas pessoas, afeitas ao trabalho duro e às dificuldades, colaboraram com a prefeitura, cada qual dentro de suas possibilidades, colocando à sua disposição não só prédio, máquinas, veículos e ferramentas, mas até a própria força de trabalho, executando atividades e serviços, sem esperar por compensações. (MARTINS, 2000, p. 187)

Nessa situação, a prefeitura estava dependente da liberação de verbas do governo, o que acabou acarretando em funcionários trabalhando meses sem salário devido à falta das mesmas.

Outro personagem importante para esse momento foi Messias Skif, o primeiro funcionário e também diretor geral da prefeitura, nomeado por Pedro Augusto Rangel. O pai de Skif, cedeu um prédio de sua posse durante um ano, para a instalação da prefeitura, o acordo era livre de cobranças de aluguel. Já que a prefeitura era desprovida de ferramentas de trabalho, a mesma dava preferência a funcionários que pudessem fornecer utensílios como pás, picaretas, enxadas.

Outros nomes também contribuíram, como Irineu Oliveira de Campos, que disponibilizou seu jipe bem como seus dotes de motorista para transportar os servidores. Tarcísio Nascimento, que exercia a função de gerente da Fábrica Votorantim, passou a se empenhar na função de Juiz da Paz, além disso, a chácara

pertencente ao Grupo Votorantim, onde morou por um bom tempo, foi doada para a instalação definitiva da Prefeitura Municipal de Votorantim. (MARTINS, 2000)

Em relação à discussão sobre a emancipação da cidade, há semelhanças evidentes entre as visões dos autores ora analisados. Em síntese: pertencente a Sorocaba nos anos cinquenta, Votorantim era apenas distrito, cujas vilas bem cuidadas eram as pertencentes ao Grupo Votorantim: Chave, Barra Funda, Votocel e Santa Helena. O interesse pela emancipação não era exclusivo do Grupo Votorantim: empresas como Metidieri, Caldini, Vial & Bernardi, Tecelagem Roldam, Cassola, começaram a articular o movimento junto a políticos do distrito, como Pedro Augusto Rangel, Nelson Bormann, Francisco Sola Galera, Armando Benedetti, José Oliveira Souza, Edson Campioni e dentre eles, Mathias Gianolla, gerente da fábrica de tecidos da Votorantim. (OLIVEIRA, 2008, p. 38)

Figura 12. Vista parcial da Fábrica de Tecidos de Votorantim, ao lado, Vila Operária da Barra Funda.



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Como citado anteriormente, a força do movimento ficou ainda maior na década de 1960, contando com duas correntes: a dos emancipacionistas, que lutavam em prol do desmembramento e a corrente contrária à emancipação, alegando que apenas o Grupo Votorantim iria desfrutar dos benefícios oriundos de tal separação, enquanto a

classe trabalhadora passaria a ser prejudicada. Esses também faziam movimentos e comícios que ocorreram antes e durante o período do referido plebiscito. (SANTOS Jr., 2004).

Atenção amigo trabalhador: antes de você votar pelo Desmembramento analise o seguinte: Os feriados municipais poderão ser cancelados, caso Votorantim venha a ser Município, isto porque o poder econômico que já predomina e com a possibilidade de domínio político, então os vereadores votarão uma lei, para o novo município pelo cancelamento pelos referidos feriados, salvando assim a responsabilidade da S/A – Indústrias Votorantim. É a única maneira da indústria tirar a responsabilidade de suas costas sobre as taxas de aluguel de casa, de água, de luz, que você irá pagar pelo que consome e mais o lixo e esgoto, inclusive taxas de ligações, caso Votorantim venha ser desmembrado terão as empresas de ônibus um percurso intermunicipal, portanto será estipulado pela Lei do DER um aumento de 45% além do que já está sendo cobrado pela passagem de ônibus. Não devemos esquecer que a S/A – Indústrias Votorantim é que tem condições de eleger o maior número de vereadores e mais o prefeito, que terá compromisso com a indústria para apoiar todas as pretensões da empresa em prejuízo dos trabalhadores e do povo em geral. (SANTOS Jr., 2004, p. 53-54).

Porém, para a emancipação se tornar concreta, havia o apoio rigoroso do Grupo Votorantim.

Oferecia aos operários um dístico conclamando o povo a votar a favor da emancipação; foram criados, ainda, a carteira e o diploma de vanguardeiro. O próprio João dos Santos Júnior foi testemunha dessa história como participante da defesa pela emancipação, recebendo do Grupo Votorantim o diploma de vanguardeiro, apresentado a seguir. (OLIVEIRA, 2008, p. 39)

A independência de Votorantim concretizou-se no dia 1º de dezembro, embora seja comemorada no dia 8 do referido mês. “A Semana da Emancipação foi instituída por Lei Municipal, por projeto de Domingos Metidieri Filho, em 1965, comemorada de 1 a 8 de dezembro de cada ano, ano em que passou a fazer parte do calendário do município”. (SANTOS Jr., 2004, p. 55).

Embora a Lei Estadual 8.092/64 tenha concedido a Votorantim a condição de município, o contexto da ditadura militar impediu a sua instalação imediata. Em um primeiro momento, Pedro Augusto Rangel foi então nomeado a subprefeito de Votorantim, por Armando Pannunzio, o então prefeito de Sorocaba.

A partir desse momento, o agora município tinha urgência de crescimento. O Grupo Votorantim estava cada vez mais envolvido com a consolidação bem como a expansão do mesmo. Um exemplo disso são as construções das escolas infantis “Votocel” e “Parcão”, ambas erguidas em terrenos cedidos pelo Grupo. O Hospital Santo Antônio continuava oferecendo assistências médicas. O lazer também se incluía, pois o salão de bailes e o cinema local também eram propriedades do citado grupo.

Figura 13. Hospital Santo Antônio, construído pelas indústrias de Votorantim, inaugurado em 1949.



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Sobre a emancipação, Santos Jr. (2004, p. 66) cita em seu trabalho:

Afirmação de Independência

Parabéns, votorantinense! Parabéns, pela vossa coragem, pela vossa audácia, pelo vosso brio, pelo vosso sentimento de liberdade e de independência. Somos agora, um povo livre e independente. Somos uma família grande e unida, onde todos temos o direito e o dever de zelar pelos nossos destinos, pelo nosso patrimônio, e, principalmente, pela paz e harmonia que deve sempre reinar em nossa família. Paz, harmonia, boa vontade e união, arrancar-nos para sempre do esquecimento e nos projetará

definitivamente no conceito de nossa pátria, como uma cidade que somos, como um povo digno e laborioso que também merece o seu lugar ao sol. Os problemas mais prementes, os trabalhos de mais urgente necessidade, têm sido resolvidos, com o auxílio imprescindível, é bem verdade, das Indústrias Votorantim, à frente da qual está um votorantinense de coração: Mathias Gianola.

Votorantim, O Gigante Que Acorda

Nossa cidade, um gigante há muitos anos adormecido, foi sacudida pela vontade férrea de seus filhos. E uma áurea de civismo e patriotismo expargiu-se, por sobre nossos lares, incutindo em todos os espíritos o desejo de independência e liberdade. E Votorantim emancipou-se. E o gigante de 201 quilômetros quadrados, com 17.817 habitantes, tornou-se livre e independente. Agora podemos ufanar-nos de possuir em nosso parque industrial, além da Usina Hidrelétrica de Itupararanga, pertencente ao Sistema Light, as seguintes indústrias: - Fábrica de Cimento Votoran, Caieiras de Cal de Santa Helena, Fábrica de Papel Celofane (Votocel), Fábrica de Bisulfureto de Carbono, Fábrica de Fiação, Tecelagem e Estamparia da S.A., Indústrias Votorantim, Indústria Têxtil Metidieri (linho), Vial, Bernardi & Cia., (tecelagem e acabamento), Indústria Têxtil Caldini (linho), Vial, Benardi & Cia., (tecelagem e acabamento), Indústria Têxtil Caldini (linho) e outras numerosas indústrias. Este magnífico conjunto representado pela nossa pujança industrial, significa uma arrecadação de aproximadamente 100 milhões de cruzeiros para o Município e de 4 bilhões para o Estado. Outro setor que bem caracteriza o nosso município é o escolar, oferecendo oportunidade a toda a população. Conta com um ginásio estadual, três grupos escolares, três escolas isoladas, três parques infantis e uma Escola do Senai.

O autor referenciado, ressalta em sua obra o significativo apoio das empresas ao movimento emancipacionista, essas foram as maiores interessadas no mesmo, em conjunto com os políticos do antigo distrito. Nota-se também um grande interesse por parte do Grupo Votorantim, já que esse se fazia extremamente disponível quando o assunto era apoiar tal movimento, se tornando um elemento decisivo para a vitória da separação e a partir de então, o distrito era agora uma cidade recém-nascida com sede de crescimento.

2. VILAS OPERÁRIAS DE VOTORANTIM: CARACTERÍSTICAS, HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO

Durante as primeiras décadas do século XX, a recém nascida indústria paulista exigia um grande número de trabalhadores, culminando em um expressivo aumento de moradias para abrigar a crescente classe operária, empregada nas atividades ligadas a tal setor. Assim, a solução aplicada foi a mesma defendida pelos higienistas: a construção das vilas operárias nos bairros periféricos das cidades. Os incansáveis higienistas sociais possuíam lutas intermináveis contra as moradias coletivas e insalubres da população pobre da cidade, e desse modo visavam a possibilidade de uma fonte de lucro, tanto para os donos de indústria, quanto para as companhias de saneamento básico uma vez que iniciaria o processo de construção das habitações tidas como “higiênicas e baratas” (INSTITUTO BIXIGA, 2021).

Como iniciativa para normatizar a construção de tais habitações, houve vários incentivos do governo da época, como por exemplo, a realização de inúmeros concursos públicos, instauração de legislação voltada à habitação operária, além de deixar os industriais isentos de impostos.

Figura 14. Lei Nº 498, responsável por estabelecer prescrições para a construção de habitação operária.

LEI N. 498

Estabelece prescrições para construção de casas de habitação operaria

O cidadão dr. Antonio da Silva Prado, Prefeito do Município de S. Paulo, faz saber que a Camara, em sessão de 6 do corrente mez, decretou a lei seguinte:

Art. 1.º — Na construção de casas para habitação de familias de operarios, fóra do perimetro urbano marcado na presente lei, serão observadas as seguintes prescrições:

§ 1.º — O requerimento de licença será firmado pelo proprio requerente ou por seu bastante procurador, com firma reconhecida.

§ 2.º — No requerimento se fará menção da rua ou logar da construcção, e, quando não fôr acompanhado da respectiva planta, do numero e dimensões dos compartimentos e das suas destinações.

Fonte: Instituto Bixiga, 2021.

Geralmente, as vilas operárias eram construídas próximas às indústrias para atender a demanda de operários empregados pelas mesmas. Algumas vilas operárias chegavam a comportar ruas, praças, igrejas, entre outros pontos de uso coletivo. (INSTITUTO BIXIGA, 2021)

Figura 15. Vila Operária localizada em Votorantim, atual localização da Praça da Bandeira, no bairro da Chave (data desconhecida).



Fonte: Acervo Cultural – Secretaria da Cultura de Votorantim.

Dado esse contexto, é de suma importância citar que tal fenômeno não ocorria apenas na grande São Paulo, o interior paulista possuía uma grande atração para os industriáveis, especialmente no município de Sorocaba, que estava passando por uma fase de intensa industrialização, que a fez ser reconhecida como Manchester Paulista.

Nos anos finais da década de 1910, quando Votorantim ainda se encontrava como um distrito de Sorocaba, houve a construção de 440 casas no Bairro da Chave e Barra Funda, visando contemplar os operários da indústria têxtil, importante fonte econômica da região na época. (Gazeta de Votorantim, 2021). Embora o espaço votorantinense hoje esteja transformado, atendendo outras demandas, ainda pode-se notar resquício de suas construções operárias como a Vila Votocel, que resistiram e hoje são importantes bairros do município, ao contrário de algumas vilas como Vila da Light, Vila dos Ingleses, Santa Helena, Vila Baltar, Fazenda São Francisco e Vila Olímpia, que com o passar das décadas deram lugar a outros edifícios.

As áreas industriais caracterizavam-se assim, pelas centenas de casas enfileiradas diretamente sobre as calçadas ou no interior das quadras, pelas pequenas oficinas ou fabriquetas ao longo dos quarteirões, pelos armazéns comerciais nos principais cruzamentos viários, destacando-se apenas em sua paisagem urbana, as grandes fábricas e suas chaminés (BENCLOWICZ, 1989, p. 246).

De acordo com Valderrama e Oliveira (2008), as vilas operárias são frutos da revolução industrial, que por sua vez é produto do sistema capitalista. No final do século XIX, Votorantim passou a despertar interesses empresariais brasileiros, bem como de investidores ingleses, fato que resultou na instalação de uma fábrica têxtil no então distrito. A partir de tal construção e das atividades consequentes da mesma, seu entorno também passou a sofrer modificações.

A maioria das indústrias situadas próximas ao núcleo central, construía vilas operárias destinadas aos operários mais qualificados, que eram necessários reter e controlar junto à produção. Dentro da vila, poderiam ocorrer diferentes tipos de habitação, destinadas aos diferentes cargos dentro da empresa, mas todas seguiam critérios da padronização em série, com programas que procuravam atender simultaneamente às exigências de proporcionar um mínimo conforto necessário aos seus habitantes, e a máxima economia para seus construtores. Ficavam prontas rapidamente e representavam um retorno imediato do capital através do aluguel. Os terrenos, normalmente localizados nos centros dos quarteirões, abrangiam diferentes tamanhos de conjuntos, que iam desde pequenos núcleos de casas até núcleos maiores, que poderiam também envolver vários quarteirões. (VIANNA, 2004, p. 9).

Figura 16. Manchete anunciando a construção da Fábrica Votorantim.



Fonte: Linha do tempo Memoria Votorantim. Disponível em: www.memoriavotorantim.com/linhadotempo

Atualmente, devido ao avanço do meio técnico-científico-informacional, e as transformações causadas pelos mesmos, os bens relacionados à produção, que também podemos chamá-los de patrimônio industrial, vem sofrendo rápidas transformações, inclusive nos meios de produção bem como nas relações socioespaciais. (VALDERRAMA; OLIVEIRA, 2008). Dado isso, tais bens estão fadados a uma constante adaptação para atender essa nova realidade, ou então, cair em obsolescência. Desse modo, a modernização torna-se essencial para evitar a desvalorização imobiliária e a desocupação desses prédios, sendo uma tentativa de garantir sua integridade ainda que haja alteração em seu significado original. (VALDERRAMA; OLIVEIRA, 2008).

Desse modo, se faz de suma importância ressaltar que as vilas operárias, ainda que sejam de uso residencial e preservem sua função (de habitação), não ficarão isentas de sofrer impactos oriundos das alterações do espaço e tempo, tendo que se adaptar a atual forma de morar do mundo contemporâneo.

Segundo Valderrama e Oliveira (2008), durante a década de 1970, esse tipo de construção não era valorizado em solo brasileiro, pois a mesma estava relacionada às classes sociais marginalizadas, hoje embora haja dificuldade no que diz respeito à preservação da classe operária bem como dos seus lugares e significados, há uma certa preocupação em manter a sua memória, como por exemplo a partir de tombamentos, reconhecimentos ou até pela atribuição de novos usos.

Para Santos Jr. (2004), a então Vila de Votorantim ganhou notoriedade em decorrência das propriedades adquiridas pelo Banco União, as quais originaram um complexo industrial. De acordo com o autor “[...] passando a construir empresas: usina hidrelétrica, fábricas, estrada de ferro e vila operária, tudo isso sob a orientação de ingleses, que aqui vieram a partir de 1891, para comandar a instalação das empresas do Banco União de São Paulo” (SANTOS Jr., 2004, p. 28). O autor ainda salienta que o Banco também foi responsável pela exploração das jazidas de mármore de Itupararanga, instalando uma serralheria do respectivo material, contendo maquinários movidos a roda d’água, o que culminou na construção de dezenas de casas para abrigar os operários ali empregados. Um caso muito semelhante ocorreu com a fábrica têxtil, a mesma apresentou cerca de duzentos funcionários em sua fase inicial, o que também resultou na construção de vilas operárias no município em questão: “As casas da Barra Funda e da Chave eram dotadas de água encanada e

rede de esgoto. A população local era da ordem de 243 homens, 390 mulheres e 503 crianças, totalizando 1.136 habitantes, isto no ano de 1902”. (SANTOS Jr., 2004, p. 29)

Oliveira (2008), afirma que o Banco da União colaborou com a expansão dos investimentos realizados por Pereira Ignácio por meio da exploração de minérios em Nova Baltar, fundação de uma vila em Santa Helena, onde posteriormente se instalou a fábrica de cimento Votoran. Ainda segundo Oliveira (2008), em 1944 foi erguida em Nova Baltar a capela de Nossa Senhora das Necessidades e logo o bairro da Barra Funda e Chave passaram receber as moradias para atender a população operária, porém os respectivos bairros citados diferenciavam-se dos outros, pois além de atender os operários também contemplavam os chefes, contramestres e mestres.

Figura 17. Votorantim inicia o movimento que a levaria a ser uma empresa com presença significativa no território brasileiro (1940).



Fonte: Linha do tempo Memoria Votorantim. Disponível em: www.memoriavotorantim.com/linhadotempo

Oliveira (2008), ainda cita que o banco também realizou investimentos nos sistemas de transportes, e esses passaram a funcionar conjuntamente com a fábrica têxtil. Para Santos Jr. (2004, p. 28): “[...] data de agosto do mesmo ano de 1890, o deferimento de pedido de concessão por parte do Banco União à intendência municipal de Sorocaba, para a construção de uma ‘linha de carris de ferro de tração a vapor ou animal’ ligando a vila de Votorantim à estação de Sorocaba”.

Segundo Oliveira (2008), no ano de 1893 a rota dos trens transpunham a ponte do Rio Sorocaba, tendo um percurso de oito quilômetros. Posteriormente, o mesmo passou a ter nove quilômetros, chegando até Itupararanga e tendo como destino final a serraria de mármore.

As vilas operárias estabelecidas em Votorantim eram construídas também de laços sociais, por essa razão, a partir desse parágrafo o presente trabalho abordará brevemente como eram as condições de vida do operariado, pois o mesmo também fazia parte da formação e significado na dinâmica de tais construções.

Aluísio de Almeida (2002), traz importantes colaborações para que possamos entender as relações das classes sociais desse período:

Como em todo mundo, houve e há, entre 1889 e 1952, classes elevadas e classes chamadas inferiores (nós não as julgamos assim). A estas pertenceram poucos ex-escravos que sobraram de 1888, os camaradas, os jornaleiros, os operários e artesãos, os caipiras, os mascates ambulantes, os taberneiros e vendeiros. A aquelas, os oficiais da Guarda Nacional, os lojistas, os sitiante ricos e fazendeiros, os negociantes de animais, os capitalistas que vivem de suas rendas, os senhorios que exploram os seus inquilinos, os funcionários, os doutores, os industriais, atualmente chamados “tubarões”. Afora essas distinções, notava-se uma cordialidade extraordinária entre todas as classes, ao menos maior do que na Capital e em certas cidades menores do Estado. Acontece que muitas vezes um operário tem um filho professor, doutor ou padre, e que o rico imigrante não despreza a classe a que pertenceu um tempo. Além disso, a cidade se desenvolveu de modo que não há o bairro residencial rico, p. ex., um arremedo de Jardim América. As construções melhores misturam-se aqui e ali, sem exclusivismo. (ALMEIDA, 2002, p. 390-391)

Figura 18. Inauguração da Companhia de Cimento Portland Rio Branco, no Paraná, em 1954.



Fonte: Linha do tempo Memória Votorantim. Disponível em:
www.memoriavotorantim.com/linhadotempo

Nota-se uma referência à Revolução constitucionalista (1932), quando o autor cita “voluntários espontâneos” que partiram para a guerra. O autor também cita que houve a criação da Caixa Popular, visando levar auxílio para os voluntários de baixa renda, bem como seus familiares. Ainda segundo Almeida (2002, p. 401): “Naquele tempo os operários não obedeciam a uma orientação comunista, mas nota-se o aviso de Pereira Inácio dizendo que é por patriotismo e não por interesse pessoal que ele aconselhou os operários do Votorantim a se alistarem”.

Oliveira (2008), comenta que investimentos aplicados pelo Grupo Votorantim, como o Hospital Santo Antonio erguido em 1949, prestava atendimento a toda a população de Votorantim embora tivesse como foco atender a demanda dos operários e suas famílias, fato que perdurou até 1997, quando rompeu os laços de convenio com a prefeitura. Sobre os benefícios oriundos do grupo Votorantim, Wright (1913 apud Martins, 2000, p. 95), descreve:

Os operários têm os melhores motivos para estar satisfeitos com a sua posição pois o proprietário estabeleceu uma tabela de salários elevados, trabalhando um número razoável de horas. Na vizinhança da fábrica foi construída uma cidade operária com acomodações para 3000 operários; possui, também, esta cidade operária, jardins públicos, clubes, escolas, lojas, um “cinema”, uma banda operária, etc., e tem iluminação elétrica. A fábrica tem uma farmácia e médico, e a higiene de suas várias dependências é muito cuidada. A rede telefônica local está ligada às cidades vizinhas e à cidade de São Paulo.

Martins (2000), observa que na época em questão não havia legislação trabalhistas, desse modo, os operários ficavam à mercê de acordos internos, que os sujeitavam a jornadas de 12 a 14 horas de trabalho. O mesmo autor ainda cita as palavras de Aurélio Verlangieri, em entrevista a Paulo Fontes, em 1984: “Eram dezesseis horas de trabalho. (...) Se uma família roubava, todos eram dispensados; se fugiam para casar, ambas as famílias eram dispensadas. Qualquer falta no trabalho era cobrada multa do empregado”. (Martins, 2000, p. 95)

Oliveira (2008), aponta com clareza que a dedicação do operário para com a fábrica não era sinônimo de garantia, pois há relatos que a renda dos mesmos não era “suficiente sequer, para a compra de sapatos”, mas havia uma certa solução para

tal como pode-se conferir através de outro trecho da entrevista de Verlangieri a Fontes em 1984:

Então, já sei. Amanhã cedo, antes de entrar pra oficina, a gente vai conversar com o 'seu' Vial. Vamos pedir aumento. E assim foi feito. Só que o sr. Ângelo Vial, diretor da fábrica, após ouvir as razões dos dois jovens, disse-lhes que aumento nem pensar. Em compensação, porém, ofereceu-lhes a possibilidade de fazerem horas extras. (MARTINS, 2000, p. 95)

Nota-se que as condições eram péssimas, e o aumento salarial não era cogitado pelos empregadores das fábricas. Porém, ocorria o oposto quando o assunto era aumento de trabalho, como podemos constatar:

E os dois começaram a fazer horas extras e mais horas extras, e compraram sapatos, e namoraram e se casaram. Antes, porém, o que é mais importante, descobriram que amor não tem nada a ver com o que usa nos pés, ou se deixa de usar. Adaptação feita a partir de fatos reais, relatados por José Pregolato. (MARTINS, 2000, p. 95-96)

Martins (2000), enfatiza sobre o sentimento comunitário que existia nos operários, este se fazia presente em todos os momentos do cotidiano dos funcionários, tanto dentro quanto fora das fábricas, como podemos conferir no fragmento abaixo:

No início do século XX, os operários, em Votorantim, passavam dois terços do dia no ambiente da fábrica. Muitas mulheres e crianças, estas a partir dos nove anos, também trabalhavam na fábrica, passando lá boa parte do dia. Suas casas, como vimos acima, eram geminadas e tinham um quintal comum, onde havia um tanque e instalações sanitárias também comuns para várias casas, além de um forno comum. Os moradores desses bairros, que tinham a mais variada procedência, ficavam, assim, expostos a uma situação de extremo contato social e pessoal que favorecia a interação e as trocas culturais. Suas origens humildes, de gente quase sem posses nem instrução, seus ideais compartilhados de conseguir melhor nível de vida para si e para os filhos, sua disposição de batalhar para atingir esse objetivo, tudo isto foi criando, ao longo dos anos, uma identidade entre as pessoas. Tal identidade anulava as diferenças de etnias, língua e cultura, tornando muito mais fácil a aceitação do outro, naquilo que ele tinha de diferente. As possíveis desavenças, muitas vezes, tinham de ficar mascaradas pois havia uma pesada punição, como vimos, para aqueles que brigassem. Quero crer, no entanto, que não era o temor à punição que favorecia o convívio tranquilo nesses bairros, mas a própria índole das pessoas. E, se nos reportarmos às observações de Saint – Hilaire sobre o povo que aqui habitava pouco antes da Independência, vamos perceber que algumas mudanças fundamentais se

operaram. Aquele lugar em que, no dizer dele “trabalha-se pouco nos dias comuns e nos feriados não se faz nada”, transformou-se num centro de produção fabril, e febril, em que se trabalha demais nos dias comuns, e nos feriados... também. As pessoas já não “se aborrecem” nem sozinhas e nem juntas: no escasso tempo livre, há festas, cinema e passeios, há romarias, bailes e piqueniques, há procissões, futebol e bandas, há um intercâmbio afetivo entre as pessoas mais díspares em suas origens. Não há mais lugar para indolência e apatia, e há uma real possibilidade de as pessoas se instruírem e de crescerem intelectual e socialmente. (MARTINS, 2000, p. 177)

Diante disso, conclui-se que as indústrias bem como as vilas operárias, estavam influenciando e significando em todas as dimensões da vida e do cotidiano dos operários, que a todo momento estavam integradas as dinâmicas tanto quanto as determinações da fábrica. É evidente que a fábrica norteava a vida dos trabalhadores subordinados a ela. O que deixa claro que todos os investimentos causaram grandes impactos na vivência dos mesmos, interferindo de forma significativa. (OLIVEIRA, 2008). Assim, se faz de suma importância o resgate historiográfico de tais fatos, para que possa se preservar a memória bem como os significados que as vilas operárias e seus trabalhadores tiveram ao longo do desenvolvimento do que hoje é o município de Votorantim.

3. INFLUENCIAS DA INDÚSTRIA EM VOTORANTIM E SEUS DIFERENTES SIGNIFICADOS AO LONGO DO TEMPO

Nesse capítulo, o presente trabalho busca através de um levantamento historiográfico trazer a compreensão sobre a influência da indústria bem como dos operários para a consolidação do município de Votorantim como conhecemos atualmente. Tal levantamento percorrerá desde 1892, com a chegada da indústria na cidade através da fundação da Fábrica de Chitas, o que impulsionou a imigração de italianos para a região; passando pelo marco da construção da Usina Hidrelétrica de Itupararanga, em 1914, e a mesma apesar de ser a primeira não foi a única, pois devido ao aproveitamento topográfico e hidrológico do município, esse se fez atrativo para outras usinas como a Light, Santa Helena, Votocel e Cachoeira da Chave; até finalmente chegarmos a emancipação de Votorantim em relação ao município de Sorocaba, declarada em 1 de Dezembro de 1963, através de um plebiscito.

De acordo com Silva (2016), no ano de 1890 a região da então conhecida como Fazendinha de Votorantim, banhada pelo rio Salto do Votorantim foi considerada por Aluísio de Almeida, em sua obra de 1969, responsável pelo ponta pé inicial que resultou na Votorantim dos dias de hoje, ou seja, para o autor referenciado, o que fez com que o município seja o que é atualmente, foi a aquisição de terras pelo Banco União.

Diante da informação recebida pelo presidente do Banco União, sobre as condições extremamente favoráveis para a instalação de empreendimentos voltados ao mercado industrial que constavam na Fazendinha de Votorantim, o mesmo rapidamente iniciou os processos para que pudesse desfrutar da aquisição de tais terras (MARTINS, 2000).

[...] a fábrica de tecidos e chitas estava em funcionamento em 1892, por iniciativa do Banco União de São Paulo. O estabelecimento do empreendimento fabril demandou grande quantidade de mão de obra, e além da fábrica, houve a construção de um novo trecho de ferrovia entre o centro de Sorocaba e o distrito. (SILVA, 2016, p. 17)

Martins (2000), ressalta a influência bem como a importância da aquisição das terras pelo Banco União em 1890 para a então formação da cidade de Votorantim. O

autor considera tal ato como um fator decisivo para a revolução que viria acontecer no então tranquilo recanto. Ainda conforme Martins, ao analisar a condição do local até o ano de 1890, e tendo em vista que no período de 20 anos, a Fazendinha foi de uma pequena propriedade com característica rural a vila responsável por abrigar a maior fábrica de Sorocaba, comportando represamento, usina hidrelétrica, estradas de ferro além de vilas operárias, trazendo uma grande transformação para o que hoje conhecemos como município de Votorantim. (MARTINS, 2000)

Figura 19. Fachada da Fábrica Votorantim (1918).



Fonte: Linha do tempo Memoria Votorantim. Disponível em:
www.memoriavotorantim.com/linhadotempo

“[...] Em janeiro de 1918, a massa falida de um banco paulista é comprada pelo empreendedor português Antonio Pereira Ignacio. Dentre as propriedades adquiridas, havia a Fábrica de Tecidos Votorantim, que era a maior fábrica têxtil do interior de São Paulo”.

Nota-se nesse ponto, que como citado por Silva (2016), no ritmo em que a fábrica era construída, a Fazendinha Votorantim ficava apenas no passado. Para

Oliveira (2008), a construção de tal empreendimento foi possível graças a um grande investimento do Banco União, e que nesse período impulsionado pelo edifício fabril em questão, além da chegada de imigrantes que se estabeleceram em função da fábrica.

[...] primeiro vieram os técnicos ingleses para a construção da fábrica, implantação do processo de produção, instalação dos teares, e configuração das vilas operárias. O êxito na Inglaterra foi fundamental para serem os ingleses os chamados para implantação da fábrica na Vila Votorantim. Com o funcionamento da fábrica vieram os espanhóis e italianos, estes já no início do século XX [...] A demanda por trabalhadores ocasionou a construção das vilas operárias no entorno da fábrica, sendo a mais nova da década de 1920, na segunda administração da fábrica. (SILVA, 2016, p. 18)

Assim, Votorantim contava com duas principais vilas: Vila dos Chefes e Vila dos Operários, as quais hoje correspondem respectivamente aos bairros da Barra Funda e da Chave, além do Jardim Bolacha, este localizava-se ao pátio frontal da fábrica, conjuntamente com a estação rodoviária, a igreja, um dos armazéns, a delegacia e a praça que guardava um coreto.

Em 18 de agosto de 1911, a lei estadual 1250 elevou a localidade a distrito, pertencendo ao Município de Sorocaba, e em meados da década de 1910, o Banco União, provedor da fábrica de tecidos e chitas começou a passar por dificuldades financeiras, tendo seu patrimônio que compreendia a fábrica de tecidos e terras que se estendiam até a região de Itupararanga e Fazenda São Francisco, adquirido por Antônio Pereira Ignácio em 1918. A aquisição da massa falida do Banco União, de acordo com o site Memória Votorantim, foi o início do que viria a ser o Grupo Votorantim, e que naquele momento, foi nomeado como “Sociedade Anonyma Fábrica Votorantim”. O patrimônio adquirido pela “Sociedade Anonyma Fábrica Votorantim”, incluiu também as vilas operárias, e ainda outros imóveis, com destaque para a Fazenda São Francisco. (SILVA, 2016, p. 18-19)

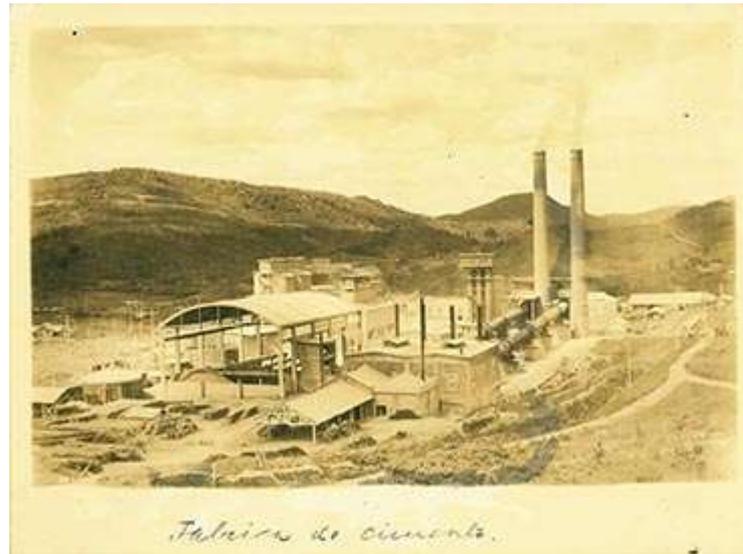
Conforme a edição do dia 26 de abril de 2014, do jornal Gazeta de Votorantim, a Fazenda São Francisco consta como um dos mais antigos imóveis do município citado, remetendo ao século XVII, marcado pelo início do povoamento de tal região. Como descrito por Silva (2016, p. 19):

Havia grandes morros que eram chamados de “lente calcária”, com até 100 metros de altura, numa demonstração parcial das reservas de calcário, e que estudos comprovaram haver locais em que o calcário alcançava mais de 500 metros de profundidade.

De acordo com Oliveira (2008), onde hoje se situa a Fazenda São Francisco pode-se encontrar registros que indicam atividade econômica desde o século XVIII, mais especificamente a partir de 1790, com a construção do engenho de açúcar da família Madureira, posteriormente a exploração de cal, e por fim, a compra das terras pelo Banco União. “A Fazenda São Francisco está localizada numa região muito próxima às instalações da Usina de Energia de Itupararanga, construção do início da década de 1910, e vizinha da área que viria a ocupar a Vila de Santa Helena e a Fábrica de Cimento.” (SILVA, 2016, p. 19)

Para Martins (2000), nos anos iniciais do século XX, já ocorria a exploração de ardósia e mármore, abrangendo formações rochosas oriundas da Serra de São Francisco. Nos anos finais da década de 1920, a fábrica têxtil do distrito de Votorantim (a maior da cidade), foi responsável por empregar cerca de 8 mil operários, esses se dividiam para atender a jornada de três turnos. Nesse período, inúmeros ingleses e italianos tiveram a então Sorocaba como destino empregatício, principalmente nos cargos gerados para entender a indústria de tecidos. Vale ressaltar novamente que, com isso, a cidade passou a ser reconhecida pelo título de Manchester Paulista, uma vez que a mesma lembrava o que ocorreu na cidade inglesa. (MARTINS, 2000)

Figura 20. Fábrica Santa Helena em 1936.



Fonte: Linha do tempo Memoria Votorantim. Disponível em: www.memoriavotorantim.com/linhadotempo

Conforme Silva (2016), norteados pelos levantamentos de Dessotti (2007):

[...] o grande êxito da fábrica de tecidos foi a força motriz para a 'Sociedade Anonyma Fábrica Votorantim' iniciar nova atividade utilizando as reservas de calcário de sua propriedade. Em 1933, sob a gestão do engenheiro de minas José Ermírio de Moraes, casado com Helena, única filha de Antônio Pereira Ignácio, começou a montagem da fábrica de cimentos com a vila operária. Neste período a sociedade explorava além da fábrica de tecidos, óleo e descarçamento de algodão em cidades vizinhas, serrarias, fábrica de gesso e fornos de cal, a ferrovia (que nesse período já havia sido eletrificada) e usina hidrelétrica, que eram essenciais para o funcionamento da Fábrica Votorantim. (SILVA, 2016, p. 19-20)

Segundo Correia (2013), haviam diversas atividades ocorrendo paralelamente a principal das indústrias do referido período, e esse fato se dava em consequência das situações precárias em que muitas se encontravam. As atividades paralelas então vinculadas à Fábrica Votorantim, estavam reunidas sob responsabilidade do nome Pereira & Ignácio Ltd, bem como de Antonio Pereira Inácio. Dentre as mesmas, já havia a produção de cimento, que ocorria em Mairinque, que até então era distrito de São Roque. Como podemos conferir no fragmento abaixo:

Ao final dos anos 1930, uma nova onda migratória ocorreu em Votorantim, de acordo com Martins (2000), pela oferta de empregos na tecelagem da Fábrica de Tecidos Votorantim e na Fábrica de Cimento Votoran. Os imigrantes assentaram-se nos mesmos bairros, considerando que muitos formavam grupos ligados por parentesco e legaram a Votorantim seus costumes, seu folclore, a arte musical e, especialmente, contribuíram para o seu desenvolvimento. (SILVA, 2016, p. 20)

Em meados da década de 1960, Votorantim ainda na sua condição de distrito, abrigava mais de 30 núcleos populacionais. Embora fosse caracterizada como distrito industrial, que tinha como objetivo arrecadar impostos e empregar além de toda sua população bem como os operários vindos de Sorocaba, a mesma não podia contar com assistências oriundas do governo sorocabano. Os bairros que apresentavam melhores condições estruturais eram as vilas operárias mantidas pelas fábricas. (MARTINS, 2000). Quanto mais o distrito arcava com seus próprios gastos com os lucros advindos das atividades industriais, mais a aspiração em se tornar independente de Sorocaba tomou força, fato que resultou em um grande movimento social de luta por sua emancipação. Assim, a partir de tal movimento foram criadas duas polêmicas tendências:

[...] a do SIM, a favor do desmembramento, e a do NÃO, contra. O movimento do Sim conseguiu autorização junto a Assembleia Legislativa do Estado para realizar um plebiscito em 1º de dezembro de 1963, onde o SIM pelo desmembramento venceu por grande margem de votos, separando Votorantim de Sorocaba. (SILVA, 2016, p. 20)

Figura 21. Votorantim inaugura a Cia Mineira de Metais, a primeira indústria de zinco do Grupo em 1969.



Fonte: Linha do tempo Memoria Votorantim. Disponível em: www.memoriavotorantim.com/linhadotempo

Dados os fatos, ocorreu a primeira eleição municipal do agora município de Votorantim, no dia 07 de março de 1965, onde foi eleito Pedro Augusto Rangel, oficialmente o primeiro prefeito de Votorantim. Assim, podemos concluir que o que motivou a ida de um simples distrito para uma importante cidade, foi a importância bem como a dinâmica da industrialização para tal. O visionário Banco União, que adquiriu terras de uma pacata fazenda, que posteriormente se transformou em uma zona industrial extremamente importante para o desenvolvimento fabril da região. Podemos notar aqui a transformação do espaço oriundo do trabalho humano, porém, também notamos os diferentes significados ao longo da história. Uma fábrica tão importante em certos tempos, hoje em dia continua imponente marcando a paisagem, porém, talvez a sua função contemporânea esteja apenas na de guardar a memória daqueles que já desfrutaram da mesma.

4. OS BAIRROS DA CHAVE E DA BARRA FUNDA ATUALMENTE

O capítulo em questão preza por trazer experiências empíricas do autor do presente trabalho a respeito dos bairros em questão, esses antes atendiam às demandas industriais bem como o cotidiano dos operários que ali viviam e que viam nos respectivos um significado e uma paisagem totalmente diferente dos que tem para os atuais habitantes. A proposta aqui é de que o leitor possa compreender a mudança da dinâmica e do que um lugar pode significar ao longo dos anos.

Figura 22. Bairro da Chave. Resquícios da Vila Operária.



Fonte: Boletta, G., 2021

Figura 23. Bairro da Chave – resquícios da Vila Operária.



Fonte: Boletta, G., 2021

O relato inicia-se relembrando a vivência experimentada no Bairro da Chave, onde o autor nasceu e passou parte da infância. Posteriormente passou a frequentá-lo e através de observações diárias deu ao local um significado familiar, uma vez que a paisagem caracterizada por elementos que notavelmente remetiam a um bairro de classe média baixa. Também era composta de crianças brincando nas ruas, pessoas conversando sobre seus empregos, funções que na maioria das vezes não tinham relação com a indústria como em outrora. Era notável também o alto índice de idosos aposentados no bairro em questão, fato que também era evidente nas conversas cotidianas.

O Bairro da Chave guarda memórias de suma importância para o município, pois a rua Galileu Gagetti, principal via de acesso ao bairro, faz ligação com a rua Joaquim Savoia, conhecida por ser a primeira rua de Votorantim. Além disso, a mesma se situa logo abaixo da linha do trem, que por sua vez, em outros tempos se interligava à Estrada de Ferro Sorocabana tendo como primeiro destino a fábrica situada no bairro Barra Funda, onde captava as cargas e as levava em direção à cidade de São Paulo.

Figura 24. Bairro da Chave – registro da rua Savóia.



Fonte: Boletta, G., 2021.

No que diz respeito à estrutura, bem como o cotidiano do bairro, era notável a tranquilidade, os transeuntes não costumavam andar nas calçadas, essa era utilizada como área de lazer, uma vez que os habitantes se sentavam ao final da tarde para conversar, beber uma cerveja, aproveitar o momento para relaxar, enquanto ouviam música. O ambiente também era dividido com os animais de estimação, que muitas vezes ficavam soltos nas ruas, indicando o baixo tráfego de veículos. As casas se encontravam com as portas abertas, evidenciando a tranquilidade do local.

Porém, a calma descrita nos parágrafos anteriores, que antecedem o ano de 2015, não condizem com os relatos posteriores ao ano mencionado. Uma vez que através de conversas com outros moradores assim como as experiências vividas pelo autor, citam relatos do alto tráfego de drogas, principalmente na região da Cachoeira da Chave, área que um dia foi extremamente importante para atrair as indústrias responsáveis pelo desenvolvimento e emancipação da cidade.

Ainda sobre a parte estrutural do bairro, no último campo, realizado em 2021, com o intuito de observar a arquitetura de pontos que antes serviram para habitação dos operários que trabalhavam nas indústrias ali presentes, notou-se que algumas casas observadas (aquelas com a estrutura original das vilas operárias), estavam em

reforma, algumas foram ampliadas, e outras passaram por alterações na fachada, perdendo a característica inicial. Além disso, novas casas terem sido construídas com características contemporâneas no bairro. Porém, pode-se dizer que ainda existe um número considerável de casas que mantiveram as características e arquitetura do século passado, correspondente à era operária de Votorantim. O que também se manteve do referido século foram as estruturas das calçadas, que por sua vez são estreitas, enquanto as vias são largas. Os comércios são aqueles considerados hereditários, tradicionais do bairro, como as padarias, mercadinho familiar, ou seja, comércios que atendem apenas a demanda da população local. Foi constatado que devido a sua proximidade com o centro, o bairro não conta com escolas, hospitais, entre outros serviços de maior complexidade.

No geral, o Bairro da Chave mantém, quase a mesma estrutura de vila operária, conservando muitos elementos da mesma, porém com significados contemporâneos, já que sua organização e arquitetura seja semelhante à original, porém não tem o mesmo sentido do século passado, ou seja, abrigar operários para que os mesmos ficassem próximos ao seu local de trabalho.

Figura 25. Bairro da Chave, rua Ovídio Godinho, ampliada graças a demolição do pontilhão da linha ferroviária.



Fonte: Boletta, G., 2021.

Conforme as observações do Bairro da Barra Funda, esse manteve com certas estruturas do período analisado no presente trabalho, como por exemplo, a fábrica

instalada na entrada principal do bairro, pioneira das indústrias em Votorantim e hoje dá lugar à Alpina Têxtil, localizada ao lado da linha do trem e as margens do Rio Sorocaba. Nos campos realizados no ano de 2021 no bairro em questão, pode-se notar que a Barra Funda mantém as estruturas ainda mais fiéis à vila operária em relação ao Bairro da Chave, como podemos conferir nas imagens abaixo:

Figura 26. Bairro Barra Funda, rua Bernardino de Campos – Resquícios da Vila Operária, construção à esquerda pertence a fábrica Alpina Têxtil.



Fonte: Boletta, G., 2021.

Figura 27. Bairro Barra Funda – nota-se maior conservação do bairro Barra Funda em relação ao bairro da Chave.



Fonte: Boletta, G., 2021.

Figura 28. Panorama da fábrica no bairro Barra Funda.



Fonte: Boletta, G., 2021.

Como podemos ver, a estrutura remete ao Bairro da Chave, calçadas estreitas, ruas largas, porém a arquitetura das casas é mais conservada, talvez seja em consequência da classe mais baixa que povoa o bairro, uma vez que esses têm mais

dificuldade de investir em reformas, já que essas são menos evidentes na paisagem. Porém, nota-se maiores serviços complexos, como o hospital Santo Antônio, que resiste até hoje e também é herança do período industrial de Votorantim.

Figura 29. Bairro Barra Funda – Pode-se notar as calçadas estreitas e ruas largas.



Fonte: Boletta, G., 2021.

Conclui-se que os bairros hoje em dia, embora guardem muito da história de Votorantim, não são os mais procurados ou visados, porém ainda se mantem abrigando a população de classe média e média baixa. Ao comparar os dois bairros podemos notar em sua arquitetura reflexos intensos do que um dia foi uma vila operária de suma importância para o local, contribuindo indiretamente para seu desenvolvimento e emancipação, mas hoje não possui a mesma função do século passado, embora tenha a função essencial de guardar a memória de Votorantim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de pesquisa, desde a definição do tema e meus objetivos traçados para a execução deste trabalho, proporcionou um profundo estudo sobre a história do município de Votorantim, cidade em que eu cresci e morei por 26 anos. Possuo uma ligação muito forte com a cidade, especialmente com o bairro da Chave, que foi minha residência até os meus 3 anos de idade em 1998; e residência da minha avó e tia avó até meados de 2017. Essa vivência de parte da minha infância até meus 20 e poucos anos contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa e também para entender a rotina, funcionamento e dinâmica dos bairros. Naquela época, despretensiosamente, pude observar as relações, o dia a dia, ouvir as conversas. Já no trabalho de campo realizado nos bairros em 2021, pude observar com um olhar mais geográfico a paisagem e os fluxos dos bairros, as estruturas, a arquitetura das casas, os pequenos comércios, as relações sociais, a cotidianidade, uma junção de diversos aspectos. Todas essas observações foram de suma importância para o desenvolvimento e conclusões da minha pesquisa.

O objetivo da pesquisa em questão foi de buscar o significado bem como a importância que as vilas operárias tiveram para que Votorantim fosse de vila a distrito e posteriormente se emancipasse de Sorocaba, adquirindo o título de município. De acordo com as observações traçadas ao longo deste trabalho, observou-se que o município, outrora uma vila e um distrito sorocabano, possui enraizado em sua história um grande impacto da industrialização e, como consequência, a vinda de imigrantes europeus para trabalhar. Além disso, notou-se a importância desta industrialização para o início da formação urbana, através de investimentos para o desenvolvimento econômico da fábrica e consequentemente da vila/distrito, gerando a necessidade do estabelecimento e desenvolvimento das vilas operárias para habitar os trabalhadores da fábrica.

Nos dias atuais, os bairros operários tornaram-se obsoletos. Antes foram símbolos do desenvolvimento e da modernidade, construídos para habitar os operários da fábrica. Atualmente, sem essa configuração e após transformações e algumas modernizações, os bairros perderam a sua função primordial, de vínculo empregatício. São apenas bairros, com seus moradores possuindo uma certa relação de proximidade, mas sem os mesmos laços de outros tempos. Fragmentados, de

alguma maneira. Entretanto, os bairros guardam no estilo arquitetônico das casas e outras características (por exemplo, as ruas largas e calçadas estreitas, a construção das casas), símbolo do que já foi um dia e também da história do município.

Uma limitação da minha pesquisa foi a impossibilidade de realizar entrevistas com os moradores, não somente pela pandemia de Covid-19, mas também pela limitação geográfica, causada pela minha mudança de país. Seria de fundamental importância ouvir a voz daqueles que vivem nos bairros até hoje e que me pudessem transmitir os seus sentimentos, suas ideias e seus olhares sobre a dinâmica diária do bairro. Daqueles mais velhos, que talvez morem há muitos anos ou décadas no bairro, mas também dos mais jovens. Livros de relatos como o “Nossa História, Nossa Gente” de César Silva, 2016, puderam de certa forma representar a voz daqueles que vivem ou viveram nos bairros estudados nesta pesquisa. Além disso, o acervo de fotos da Secretaria de Cultura de Votorantim foi de fundamental importância para que se possa ter imagens da história de Votorantim. Porém, sugiro para as próximas pesquisas a implementação de entrevistas na metodologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Aluísio. **3 Séculos de História**. São Paulo: Editora Ottoni, 2002.

CORREIA, Telma de Barros. A indústria e o urbano: aglomerações geradas por fábricas no estado de São Paulo. **Revista Oculum Ensaios**, Campinas, v.10, n.1, p.29-42, 2013.

De Vilas Operárias a importantes bairros da cidade. **Gazeta de Votorantim**, 2021. Disponível em: <<http://www.gazetadevotorantim.com.br/noticia/43931/de-vilas-operarias-a-importantes-bairros-da-cidade.html>> Acesso em: 31 jan. 2022.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/votorantim/panorama>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

Linha do tempo Votorantim. **Memória Votorantim**, 2020. Disponível em: <<https://www.memoriavotorantim.com/linha-do-tempo/>>. Acesso em: 8 fev. 2022.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

MARTINS, Kleber de Araújo. **Votorantim 2000 - Memória de Uma Cidade**. São Paulo: Editora Cooperativa Técnico-Educacional, 2000.

OLIVEIRA, Márcia Maria Fogaça de. História e Historiografia de Votorantim. Dissertação de Mestrado, UNISO, Sorocaba, 2008.

SANTOS Jr., João dos. **Votorantim, História e Iconografia de uma cidade**. Itu-SP: Editora Ottoni, 2004.

SILVA, César. **Nossa História, Nossa Gente**. Sorocaba. Vol. III. Sorocaba-SP: Editora Create, 2016.

SILVA, Wesley Carlos da. Vila Helena: formação, desmonte e memória. Trabalho de conclusão de Curso, UFSCar, Sorocaba, 2016.

VALDERRAMA, Berna Bruit; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. Novos usos e significados das vilas operárias da antiga fábrica Brasital. **Revista CPC**, [S. l.], n. 5, p. 53-75, 2008. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i5p53-75. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15616>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

VIANNA, Mônica Peixoto. Habitação e modos de vida em vilas operárias. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2004.

Vilas Operárias: o domínio da fábrica na paisagem urbana de São Paulo. **Instituto Bixiga**, 2021. Disponível em: <<http://institutobixiga.com.br/vilas-operarias-o-dominio-da-fabrica-na-paisagem-urbana-de-sao-paulo/>>. Acessado em: 31 jan. 2022.

VOTORANTIM. **Memória Votorantim, rumo aos 100 anos**. São Paulo: Strotbek & Bravo Associados, 2006.

VOTORANTIM. **Votorantim 2000: memórias de uma cidade**. Votorantim: Prefeitura Municipal de Votorantim, 2000.